

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: UMA CIRCULARIDADE ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Inês Teixeira Barreto<sup>1</sup>

### *Introdução*

A relação e as circularidades entre Brasil, Portugal e África - especialmente os povos de origem bantu, nagô, gêge e yorubá - criaram uma série de hibridismos culturais no imaginário mágico brasileiro, que encontraram terreno para sua sobrevivência nas práticas de feitiçaria, nas encantarias e nas macumbas. Além de uma permanência, essas crenças passam por uma série de transformações, da era Moderna até a Contemporaneidade, mas mantendo um corpo semelhante de mitos, histórias, práticas e processos.

Nossa intenção é buscar por vestígios dessa permanência a partir de fontes da literatura, da sociologia e da historiografia, assim como em registros das manifestações culturais brasileiras que foram classificadas como “folclóricas” – músicas, imagens etc. Esses elementos são rastreados a partir das tradições envolvendo o mito de São Cipriano, um santo considerado bruxo, muito presente na feitiçaria portuguesa. Esse personagem foi base para a criação de um livro de magia que leva seu nome, muito popular nas práticas de feitiçaria brasileira e que, no século XX, foi transportado para a Umbanda e a Quimbanda.

### *O Imaginário Mágico Brasileiro*

A feitiçaria é uma temática já explorada pelos historiadores, especialmente depois que Jules Michelet publicou seu ensaio *A Feiticeira*, ainda em 1862. Desde então, historiadores, antropólogos e intelectuais, tanto da Europa quanto das Américas, têm se dedicado a estudar as práticas, representações e a repressão à feitiçaria, especialmente durante a Inquisição.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em História pelo Centro Universitário Fundação Santo André. E-mail: intx.barreto@gmail.com

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fora do contexto da Inquisição medieval e moderna, as práticas classificadas como magia e bruxaria continuaram fazendo parte do imaginário e sendo praticadas por toda a Europa, chegando às Américas devido aos processos coloniais. Ao longo dos séculos, elas passam por ressignificações, mostrando que, apesar dos sistemáticos combates institucionais da Igreja e dos Estados, o imaginário mágico se mantém vivo. Em muitos casos, essas práticas se transformam em uma forma de resistência, como já pontuava Michelet: uma sobrevivência de práticas não-cristãs que foram, de muitas maneiras, sobrevivendo em frestas.

A prática de magia entendida como uma resistência cultural é algo que a coloca especialmente como um elemento das chamadas classes subalternas ou das pessoas que não atendem ao padrão de normalidade, seja por suas profissões, por seus corpos ou por seus lugares sociais e econômicos. Na Europa, a prática de feitiçaria é associada a camponeses, viajantes, curandeiros, mulheres e homens fora dos padrões cristãos. Judeus e muçumanos também entram nessa categoria, especialmente em países como Portugal, no qual a repressão a essas orientações religiosas foi muito forte.

No Brasil, podemos entender a feitiçaria como uma prática dessas mesmas classes chamadas de subalternas e, até certo ponto, ligada a processos de resistências. Apesar do esforço institucional, especialmente durante a Primeira República, de limpar o país da suposta barbárie das práticas mágicas rumo ao desenvolvimento da modernidade, elas não são eliminadas por completo. Pelo contrário, como aponta Roger Sansi e Nicolau Parés: em períodos de grande transformação social, como foram os primeiros anos do século XX no Brasil, a feitiçaria e, por consequência, a perseguição aos seus praticantes, se intensifica<sup>2</sup>.

Nesse contexto de profundas transformações urbanas e sociais, a feitiçaria continuava sendo praticada pelos pobres: negros libertos, imigrantes e brancos pobres, ciganos, muçumanos. Mas, também exerce atração nas classes dominantes, como políticos e intelectuais, que buscam a ajuda dos feiticeiros para resolver suas questões cotidianas. Esse ponto é ressaltado por João José Reis, que não considera a bruxaria no Brasil como uma plena resistência, pois defende que a

---

<sup>2</sup> PARÉS, Nicolau; SANSE, Roger (orgs.). *Sorcery in the Black Atlantic*. Chicago: University of Chicago Press, 2011. p. 2-3

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

documentação histórica mostra que a classe dominante também se valia da ajuda de feiticeiros, assim como de babalorixás e yalorixás<sup>3</sup>. Ele ainda ressalta o forte substrato católico de algumas práticas, o que mostra que ela absorveu essa influência ao invés de resistir, e é justamente nesse processo de relação com o catolicismo que estamos interessados nesta pesquisa.

Desses encontros, nascem os cruzos<sup>4</sup>, os hibridismos entre culturas e práticas mágico-religiosas diferentes, que dialogam e formam um novo elemento, completamente único. Aqui partimos da definição de hibridismo cultural de Nestor Canclini, que define a hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”<sup>5</sup>.

Nosso trabalho tem por objetivo rastrear os vestígios dessas culturas, especialmente dos elementos de origem europeia, na formação de um campo religioso, o das chamadas encantarias e macumbas brasileiras, onde a religiosidade e as práticas mágicas encontraram equivalências nas culturas dos povos africanos e nativos americanos e criaram seu próprio campo com a Cabula, o Catimbó, a Jurema, a Quimbanda, a Umbanda e o Candomblé<sup>6</sup>.

As religiosidades yorubá e bantu foram predominantes em muitos aspectos dentro do campo das encantarias, absorvendo elementos de outros povos e culturas e se mostraram um terreno amistoso para a permanência de práticas e crenças de outrem, por exemplo, dos mitos portugueses, permitindo a sobrevivência de personagens como São Cipriano e Maria Padilha.

## *Práticas e representações europeias no Brasil*

---

<sup>3</sup> REIS, João José. Candomblé and Slave Resistance in Nineteenth-Century Bahia in PARÉS, Nicolau; SANZI, Roger (org.). *Sorcery in the Black Atlantic*. Chicago: University of Chicago Press, 2011. p. 55-58

<sup>4</sup> O conceito do "cruzo" foi desenvolvido pelos historiadores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino ao pensarem sobre as religiosidades e encantarias brasileiras. Pensando que elas nascem de um encontro e de uma amarração de múltiplos saberes, de diferentes pessoas com experiências e origens muito distintas, eles desenvolvem o conceito do cruze como "um emaranhado de símbolos imbricados que enigmatizam e ressignificam os sentidos". (SIMAS; RUFINO, 2019, p.15)

<sup>5</sup> CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008. p.18-20.

<sup>6</sup> O conceito de encantaria é trabalhado pelo antropólogo Reginaldo Prandi como sendo as práticas que se utilizam de um panteão essencialmente brasileiro (PRANDI, 2006, p. 6). Simas e Rufino expandem esse conceito para abarcar todas as religiões e práticas de fundo híbrido entre culturas africanas, ameríndias e brancas, incluindo assim também a Umbanda e as diferentes nações do Candomblé (SIMAS; RUFINO, 2019, p.13)

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Esses hibridismos e cruzamentos existem no Brasil desde o período colonial. Nos documentos das devassas inquisitoriais pesquisados por Laura de Mello e Souza, é possível encontrar práticas que evocavam São Cipriano e Maria Padilha já no século XVIII.

Em um processo de 1750, três escravizados foram presos por usarem bolsas de mandinga, pequenos amuletos que continham orações de São Cipriano, entre outros objetos. Ainda no século XVIII, um processo do Grão-Pará indica o uso da mesma oração para feitiços amorosos. Em 1744, no Rio de Janeiro, um homem escravizado tinha fama de adivinho por descobrir onde tesouros estavam enterrados e alegava que eles eram guardados por espíritos de mouros encantados<sup>7</sup>. A tradição de buscar por tesouros mágicos é muito presente na Península Ibérica e ligada a São Cipriano, cujo livro de magia tem uma série de instruções para tal e que, no mesmo período, eram usados por feiticeiros e saladores, como aponta o historiador Marco Antônio Lopes<sup>8</sup> em seu estudo sobre a prática de magia no reino de Aragão.

Sobre Maria Padilha, que no Brasil contemporâneo se tornou uma pombagira<sup>9</sup> muito popular nos terreiros de Umbanda, Souza traz o processo de uma feiticeira degredada para a colônia por fazer orações e conjuros sob encomenda. Durante as devassas inquisitoriais, ela é processada por repetir o crime. Uma das fórmulas usadas é “por Barrabás, Satanás, Caifás, Maria Padilha e toda a sua quadrilha”. Essa mesma fórmula será encontrada nos livros de São Cipriano portugueses do século XIX e em livros brasileiros de magia do século XX. Logo, percebemos que essa prática foi passando por várias gerações e deslocamentos, até tomar a forma de um mito genuinamente brasileiro.

Tais elementos europeus acabaram sendo mesclados aos elementos de origem africanos, criando uma série de interpretações sobre a formação das religiões brasileiras, que refletem a

---

<sup>7</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

<sup>8</sup> VEIGA, Marco Antônio Lopes. *Sob a capa negra: necromancia, feitiçaria, curandeirismo e práticas mágicas de homens em Aragão (séculos XV e XVI)*. 2011. 216 p. Doutorado – História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 106-132

<sup>9</sup> Pombagira ou bombogira são entidades da Umbanda e da Quimbanda entendidas como o contraponto feminino de Exu. É uma mitologia que só existe no Brasil, pois em os povos yorubás entendiam apenas Exu como um orixá masculino. No Brasil ele se torna uma categoria de espíritos nos trabalhos espirituais e passa também a abarcar mulheres. O nome bombogira é uma adaptação de Pambu Njila, a divindade das encruzilhadas do povo bantu, que aqui foi associado ao Exu dos yourubás.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

diversidade étnica e cultural do Brasil, assim como os processos de resistência cultural que diferentes grupos e comunidades exerceram ao longo da História. Nesse processo temos a formação das religiosidades brasileiras, profundamente ligadas às práticas de magia desde o começo.

Jerusa Ferreira e Lísias Negrão afirmam que a Umbanda e a Quimbanda estão diretamente relacionadas a uma transformação no perfil dos brasileiros, especialmente nas zonas urbanas. Elas atendem a anseios dos migrantes, de operários e de imigrantes, especialmente portugueses e espanhóis. Em geral, tem apelo com os mais pobres pois são religiões preocupadas com a felicidade e a resolução dos problemas imediatos, não com uma ascensão espiritual, como o cristianismo europeu:

“(…) duas funções fundamentais das religiões espírita e umbandista: a função terapêutica e a função da integração nas sociedades urbanas. No caso do Livro de S. Cipriano, ele cumpre as duas funções e mais, a do princípio do prazer, o da leitura, mesmo quando oralizada, o gosto dos textos que ainda conseguem contar histórias, intercalando-as às práticas mágicas, às fórmulas, aos bruxedos”<sup>10</sup>

Isso explica o encontro dessas várias tradições de magia europeia, pois objetivo dessas práticas em todo o mundo é o mesmo: uma forma de resolver problemas e tornar a vida cotidiana mais fácil e mais simples.

Nosso principal problema aqui é demonstrar que tanto a feitiçaria brasileira quanto as religiosidades próprias de nosso país absorveram toda a sua formação multicultural e multiétnica, especialmente a das grandes cidades da virada do século XIX para o XX, que condensaram crenças de muitas matrizes culturais diferentes.

Nesse período, os intelectuais brasileiros alimentam a ideia de que as práticas mágicas, ou fetichistas como eram chamadas na época, são todas de origem africana e que o contato com os europeus foi uma forma de civilizar religiões naturalmente atrasadas e bárbaras. Vemos essas ideias em Nina Rodrigues, Edison Carneiro e Arthur Ramos. Esse último leu corretamente a religiosidade

---

<sup>10</sup> FERREIRA, Jerusa. *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva: 1992. p. 131

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

brasileira, mostrando que havia o cruzamento e a presença do catolicismo e da feitiçaria portuguesa em muitas das práticas que foram se formando no Brasil. Porém, entende que as religiosidades e práticas de origem africanas foram prejudiciais e auxiliaram na deturpação da cultura branca.

Ao demonstrar a diversidade de nosso campo religioso, pretendemos mostrar como o racismo e a ideia de que as encantarias e as religiosidades de matriz africana são atrasadas e bárbaras não se justifica. Não só porque não existe hierarquias culturais, como também por não existir a dicotomia entre civilização e barbárie entre culturas. Além disso, desejamos demonstrar como práticas consideradas atrasadas e bárbaras são europeias, o que também não justifica a tese eugenista da superioridade da cultura branca, propagada pelas teorias raciais e pela eugenia, correntes de pensamento fortíssimas durante a Primeira República e que moldam, ainda hoje, a percepção do senso comum e do discurso midiático sobre essas religiosidades.

## *O Livro de São Cipriano*

Trabalhamos com o *Livro de São Cipriano*, usando a edição intitulada *O Tesouro do Feiticeiro*, publicada entre 1885 e 1900 pela Livraria Econômica, de Lisboa. A obra é um grimório: livro de conjurações e feitiços com instruções para produzir amuletos e talismãs, invocar espíritos, anjos e demônios, encontrar tesouros escondidos por meio de magia, adivinhar o futuro e produzir remédios e feitiços. A palavra grimório deriva do francês **grimmaire**, que significaria “texto escrito em latim”, que por sua vez tem origem no italiano **gramair**, origem da palavra em português **gramática**. Grimórios, então, são uma espécie de gramática voltada ao aprendizado da linguagem da magia<sup>11</sup>.

Além das receitas de feitiços, o livro traz orações, exorcismos, formas de ler o futuro nas cartas e nas palmas das mãos (cartomancia e quiromancia) e orientações para achar tesouros escondidos. Esses itens são ilustrados por supostas passagens da vida do santo, contadas em uma série de episódios, com foco especialmente na história da sua conversão de feiticeiro a mártir cristão, servindo como uma espécie de aviso ou guia moral<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> DAVIES, Owen. *Grimoires: a history of magic books*. Oxford: Oxford Academic Press: 2010. p 01-02.

<sup>12</sup> Segundo a lenda cristã, São Cipriano de Antioquia foi um sacerdote pagão que, graças ao pacto com o demônio, conseguia o que desejava, especialmente o amor das mulheres. Ao conhecer a virgem Justina e perceber que ela não era

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Muitos dos mitos e práticas relacionados a São Cipriano são transferidos para o imaginário mágico brasileiro, não somente por influência dos livros mas também pelas tradições orais que chegaram com os colonos portugueses e que foram se popularizando ainda no período colonial. Sofrendo modificações ao longo dos séculos XVIII e XIX, a devoção a São Cipriano chega na Umbanda e na Quimbanda do século XX e ainda se faz presente no Brasil contemporâneo.

Fundada oficialmente em 1908, mas já praticada desde o Segundo Império, a Umbanda associa em suas primeiras décadas *o Livro de S. Cipriano* como um instrumento de apoio para lidar com os problemas de uma sociedade complexa e em um momento de transformação<sup>13</sup>. O santo foi particularmente popular até os anos 1930, especialmente como o comandante da Linha Africana, uma categoria de espíritos chamados de pretos-velhos, arquétipos que representam os africanos escravizados.

O sociólogo Lísias Negrão, referência no estudo da Umbanda, explica que na primeira metade do século XX e especialmente durante o governo Vargas, os terreiros de Umbanda usavam nomes e imagens de santo com mais frequência, para escapar da perseguição religiosa. Com o tempo e com a popularização do Candomblé, a Umbanda absorveu mais aspectos dos cultos aos orixás yorubás, que começaram a ser mais aceitos, e assim os santos foram perdendo espaço em virtude de outras divindades<sup>14</sup>.

Na Quimbanda, mais focada na prática da feitiçaria em si do que na liturgia religiosa, São Cipriano é ligado aos exus<sup>15</sup>. Assim como nos primeiros anos da Umbanda, existe uma forte identificação da figura de exu com o demônio do catolicismo, e por isso Cipriano é entendido como aquele que também está próximo ao demônio, já que sua história conta sobre os pactos e ajuda de Lúcifer em muitos momentos da sua vida.

---

atingida pelos poderes do diabo por ser cristã, Cipriano se converte. Ambos são executados por volta de 256 d.C. e se tornam mártires cristãos. A partir do século IV, o santo começa a aparecer no leste da Europa em uma série de orações e feitiços de proteção mágica e assim seu culto como feitiçeiro vai, aos poucos, se espalhando por todo o continente.

<sup>13</sup> FERREIRA, Jerusa. *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva: 1992. p. 131

<sup>14</sup> Ver NEGRÃO, Lísias. *Entre a Cruz e a Encruzilhada*. Editora Edusp: São Paulo: 1996.

<sup>15</sup> No escopo das religiosidades de influência ou matriz yorubá, existem duas interpretações de exu. A primeira, como orixá, uma potência divina que liga o mundo dos homens (o Aiyê) ao mundo dos deuses (o Orun). A segunda, em uma acepção que é totalmente brasileira, exu é um espírito de um humano que morreu e hoje atua no mundo espiritual como mensageiro, protetor e ajudante, sendo chamados, entre outras ocasiões, nos trabalhos de feitiçaria.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Portanto, São Cipriano nos dá evidências do caminho que as práticas mágicas portuguesas traçaram no Brasil. Para desenhar esse trajeto, usamos fontes brasileiras, especialmente de intelectuais que escreveram sobre as encantarias e a feitiçaria brasileira. Optamos por essas fontes pela dificuldade de encontrar registros escritos e sonoros da virada do XIX para o XX feitos pelos próprios praticantes da feitiçaria. Para trabalharmos os registros dos praticantes, pretendemos trabalhar com as músicas ritualísticas, como os pontos cantados de Umbanda e Jurema. Porém, esses pontos registram histórias e mitos de maneira poética, sem explicar extamente as práticas e muitas vezes não temos o seu contexto original. Portanto, escolhemos as fontes escritas como primordiais por proporcionarem elementos para uma análise mais robusta do objeto.

## *Resultados preliminares*

Como uma pesquisa ainda em andamento, possuímos alguns resultados e conclusões preliminares, a partir das fontes com a quais já trabalhamos.

Sob a tutela de São Cipriano, os portugueses colocaram práticas como a necromancia e a busca por tesouros, que remontam a grimórios da Idade Média, como a *Chave de Salomão* e o *Picatrix*<sup>16</sup>. Ao estudar autores brasileiros da primeira metade do século XX, vemos os vestígios de um processo similar acontecendo no Brasil, onde o santo é considerado a origem de diversas práticas. Um exemplo é Arthur Ramos, em *O Negro Brasileiro*, seu trabalho de etnografia das religiosidades e culturas de origem africana, publicado inicialmente em 1940:

“Hoje, há macumba para todos os efeitos. A obra do syncretismo não conhece mais limitações. A macumba invadiu todas as esferas. Ella está na base dessa magia popular brasileira, que herdou muita coisa do Negro, mas tem também raízes fortes nesse corpus magico, de origens peninsulares europeas, compendiado

---

<sup>16</sup> Dois grimórios medievais que trazem instruções complexas para invocar inteligências divinas e infernais, a fim de encontrar tesouros, criar talismãs e realizar uma série de outras tarefas. A Chave de Salomão, apesar de inspirada pela mitologia judaica, possui forte influência católica. Já o Picatrix é a tradução latina de um grimório árabe anterior. Para mais, ver: DAVIES, Owen. *Grimoires: a history of magic books*. Oxford: Oxford Academic Press: 2010.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nos livros populares das edições Quaresma: “Livro das Bruxas” e “Livro de São Cipriano”.<sup>17</sup>

Ramos comete um equívoco ao afirmar que a base de toda a macumba, palavra usada aqui como sinônimo de feitiçaria, é europeia. Mas acreditamos que ele possui uma hipótese verdadeira ao identificar que elementos europeus sobreviveram ao criar elementos híbridos com práticas africanas e de povos nativos americanos. A questão é que, dentro do pensamento higienista da época, Ramos entende que a relação com os africanos e indígenas foi um ponto de degeneração de práticas europeias quando, pela documentação portuguesa, entendemos que o que ele considera um desvio da ordem católica canônica já existia na Europa.

O autor credita ao culto dos orixás e seu sincretismo com os santos católicos o fato de que o catolicismo se aproximou do politeísmo africano. Ele entende que esse contato fez com que os europeus retornassem, de certa forma, às suas raízes pagãs, cultuando deuses e seres da natureza. Mas, na verdade, a partir da análise do *Thesouro do Feiticeiro* e de outros documentos, como contos da tradição oral de Portugal e da Galícia, notamos que os portugueses nunca abandonaram por completo a sua percepção desse tipo de entidade. Essas histórias trazem mitos como as mouras encantadas e os demônios guardiões de tesouros, que tem suas raízes nos mitos celtas sobre as fadas e crenças sobre seres sobrenaturais que guardam determinados locais, como os djin das tradições islâmicas.

Além disso, os portugueses também deixaram como herança o fato de entenderem São Cipriano como o padroeiro de qualquer prática de feitiçaria, mesmo aquelas que não estão registradas *ipsis literis* em seus livros. Em Portugal, por exemplo, ele se torna o santo a ser invocado durante práticas oraculares como a adivinhação com peneiras e com cartas de baralhos, que não necessariamente tem origem nessa mesma tradição de magia.

No Brasil vemos a ocorrência de um processo semelhante. Um dos vestígios que encontramos dessas crenças é um pequeno trecho do romance *Alambique* (1934), do escritor Clóvis

---

<sup>17</sup> CARNEIRO, Edison. *Religiões negras: notas de etnografia religiosa*. [s.l.]: Rio de Janeiro, Civilização brasileira s.a., 1936. p. 175-176

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Amorim, citado por Edison Ramos em *Religiões Negras*. O autor descreve um pequeno ritual executado pela personagem Mãe Dite, uma feiticeira:

"Mãe Dite abriu uma mesa para mim. Quarto fechado. Quadros de santos e uma vela agonizante. Uma urupema. Búzios de praia. Um abano. Um rosário. Um boneco de olhos de conta. E a negra velha sacudiu os búzios, soltou-os pela minha cabeça, aparando-os na urupema.

Falou coisas em lingua embolada. Benzeu-se. Mandou que eu me benzesse também. Três vezes, com a mão esquerda. Soprou nos meus ouvidos, no cogote. Deu-me pancadinhas nos ombros, nas costas, nas nádegas, nas pernas. Abanou-me. Bateu-me, de leve, com o rosário. E falou:

— É coisa feita.

— Quem fez?

— Hum! — e sorriu banguela.

Calor enervante. Eu suava danadamente. A negra resmungou:

— Porém não tem nada.

E, num ar de mistério:

— O branquinho é forte. Seu anjo-da-guarda é Santa Bárbara.

O boneco foi sacrificado. Eu fui o seu carrasco. De agulha e linha preta cosi-lhe os olhos, a bôca. Traspassei-o de alfinetes.

Arrancando-lhe os dedos, repetia o que Mãe Dite dizia:

— **São Cipriano assim quer ver-te, ó desgraçado, para não fazeres mal a quem nunca te fez. Fura. Fura. Fura. É a vingança que vem dum justo.**

E saí do quarto pingando de suor, enquanto a velha curandeira sorria, apertando na mão enrugada os cinco mil réis que lhe dei.”<sup>18</sup>

Podemos afirmar, por hora, que a tradição de magia relacionada a São Cipriano, que existe na Europa desde o século IV, encontrou no Brasil um lugar não só de permanência e sobrevivência, mas também um novo significado a partir dos cruzos aqui criados.

---

<sup>18</sup> Apud: CARNEIRO, Edison. *Religiões negras: notas de etnografia religiosa*. [s.l.]: Rio de Janeiro, Civilização brasileira s.a., 1936. Grifo nosso.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mais do que uma curiosidade ou uma peculiaridade brasileira, a tradição e as práticas mágicas envolvendo São Cipriano nos mostram um processo de circularidade e hibridação, envolvendo um mito que tem início na Alta Idade Média Europeia e que encontra novas raízes no Brasil do século XX. Ele demonstra que tais práticas se tornam permanências históricas a partir do momento que se adaptam a novas culturas e as necessidades de cada momento. De certa maneira, elas também espelham as necessidades e desejos de cada era pela qual passam, mostrando assim que o imaginário mágico é uma força permanente e em constante transformação.

## *Fontes*

Sem autor. *O Grande Livro de São Cipriano: o Tesouro do Feiticeiro*. Lisboa: Livraria Econômica, 1890.

CARNEIRO, Edison. *Religiões negras: notas de etnografia religiosa*. [s.l.]: Rio de Janeiro, Civilização brasileira s.a., 1936. Disponível em: <<http://archive.org/details/religioesnegrasn00carn>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1940. Disponível em: <<https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/272?mode=full>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

## *Referências Bibliográficas*

BETHENCOURT, Francisco. *O Imaginário da Magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 373p

CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Edusp, 2008. 385 p.

DAVIES, Owen. *Grimoire: a history of magic books*. Oxford: Oxford Academic Press, 2010.

FERREIRA, Jerusa. *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva: 1992.

NEGRÃO, Lísias. *Entre a Cruz e a Encruzilhada*. Editora Edusp: São Paulo: 1996.

ORTIZ, Renato. *Morte Branca do Feiticeiro Negro*. São Paulo: Brasiliense, [s.d.].

PARÉS, Nicolau; SANSE, Roger. *Sorcery in the Black Atlantic*. Chicago: University of Chicago Press, 2011.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 396p.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luís. *Fogo no Mato*: a ciência encantada das macumbas. 1. ed. [s.l.]: Mórula, 2019.

VEIGA, Marco Antônio Lopes. *Sob a capa negra*: necromancia, feitiçaria, curandeirismo e práticas mágicas de homens em Aragão (séculos XV e XVI) . 2011. 216 p. Doutorado – História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo